

# O jogo político de Moro e os efeitos gerados na segurança pública

Apenas dois secretários de Segurança foram recebidos por Sergio Moro, em 2019, mas 60 servidores da PF estavam cedidos à burocracia do Ministério da Justiça e Segurança Pública.

Renato Sérgio de Lima e Arthur Trindade Maranhão Costa  
28 de janeiro de 2020

MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL



Na semana passada, secretários de segurança reunidos com o Presidente Jair Bolsonaro pediram a recriação do Ministério da Segurança Pública

Na edição 6 do Fonte Segura, em setembro do ano passado, antes da disputa Moro x Bolsonaro ganhar os atuais ares dramáticos, publicamos uma análise intitulada “Entre a Rainha da Inglaterra e o Rei Afogado: o dilema de Sergio Moro”, na qual indicávamos que, como em um jogo de xadrez, Jair Bolsonaro percebeu que havia recrutado Sergio Moro na ideia de ele ser uma Torre, mas que seu ministro está operando como Rainha e, na prática, almeja ser o Rei.

O texto de setembro parte da premissa de que o Presidente Bolsonaro detinha as peças brancas do tabuleiro e beneficiava-se de poder calcular e fazer os primeiros movimentos da relação entre ele e o ex-juiz da operação Lava-Jato. Nele, identificamos as tentativas do Presidente da República em manter seu Ministro da Justiça e da Segurança Pública sob controle e sob pressão.

O cálculo de Bolsonaro era que, ao prometer terrenos na Lua, seja na forma de uma futura vaga no STF e/ou a vaga de Vice na sua chapa para a eleições de 2022, Sergio Moro optaria por entrar de cabeça em seu projeto de poder e não fizesse sombra para a sua liderança política. Em troca, Bolsonaro se apropriaria do prestígio acumulado por Moro junto àqueles que acreditam que ele é o paladino do combate à corrupção.

Só faltou combinar com o próprio ministro. Passados alguns meses, diante desta desvantagem inicial, Sergio Moro adotou a tática do 'Rei Afogado', que no xadrez consiste em jogar na defensiva e tentar forçar o adversário ao erro, para se reposicionar no tabuleiro e esperar o momento da virada.

Em um cenário normal, essa tática não funcionaria, pois seria um mero recurso protelatório e o jogo terminaria em empate. Mas, Moro soube até aqui planejar seus passos com antecedência e, com isso, sabia que o ritmo de polêmicas de Bolsonaro e sua família lhe exigiria ter planos de contingência para que o lustro de sua imagem de baluarte da moralidade não saísse chamuscado - Queiroz, Laranjas, Ataque Terrorista à sede do Porta dos Fundos, surto nazista de Roberto Alvim, foram tratados a partir da blindagem da formalidade do cargo de Ministro.

A aparente equidistância mantida por Moro da narrativa bolsonarista irritou ainda mais setores próximos ao Presidente na medida em que não parece haver discordância ideológica, mas de forma e estratégia, reforçando a desconfiança de que há em curso a construção acelerada de uma via alternativa de poder.

E, o principal plano de contingência adotado pelos defensores desta via alternativa pegou os setores da área de Segurança, mais próximos da agenda bolsonarista raiz, de surpresa. Por se tratar de um tema presidencial, no qual Jair Bolsonaro construiu boa parte de sua carreira de impérios ideológicos, ninguém esperava que Moro conseguisse roubar todo o protagonismo pela queda dos homicídios e roubos que está em curso no país dos governadores, dos secretários, do Congresso e do próprio presidente.

Ainda mais quando a blindagem de imagem tem funcionado e pautas delicadas, como a diminuição das operações da Força Nacional de Segurança Pública em áreas ambientais e indígenas, a baixa execução do Fundo Nacional Antidrogas, a Execução abaixo das regras legais do Fundo Nacional de Segurança Pública e do Fundo Nacional Penitenciário, as denúncias de tortura feitas contra a Força Tarefa Penitenciária, entre outras, foram transformadas em temas burocráticos e menores.

É neste contexto que precisamos compreender [a entrevista do Coronel Alberto Fraga quando este diz que Moro não entende de segurança pública](#). Afinal, Sergio Moro está conduzindo a pasta em um novo equilíbrio interno de forças que tem dispensado, até o momento, a convocação de policiais militares para ocuparem posições chaves no Ministério, deixando-os em cargos de assistência ou suporte técnico apenas.

O mesmo ocorre com a opinião de secretários de segurança, que se sentem desprestigiados, já que, segundo levantamento do Fonte Segura junto à agenda do Ministro, apenas dois secretários de segurança foram recebidos oficialmente em 2019 por Sergio Moro. Não há uma rotina de diálogo estabelecida entre secretários e o ministro.

Em sentido inverso, o Ministério da Justiça e Segurança Pública tem feito uso intenso de servidores da Polícia Federal e da Polícia Rodoviária Federal. Em dezembro de 2019, 60 servidores só da Polícia Federal estavam cedidos ao próprio Ministério da Justiça e Segurança Pública, número superior ao efetivo de policiais em muitas superintendências da corporação no país – atividade meio retirando efetivo da atividade fim.

Isso fez com que o Diretor Geral da Polícia Federal, Maurício Valeixo, para evitar ser responsabilizado por eventuais resultados ruins e questionamentos legais, enviasse no dia 23 de dezembro, véspera de Natal, ofício solicitando a volta de 191 servidores cedidos a vários órgãos (os 60 cedidos ao MJSP estão nesta conta) e Unidades da Federação (muitos secretários são delegados da PF). O problema é que essa postura é correta em termos formais mas coloca combustível em termos de relacionamentos institucionais e coordenação federativa.

Percebe-se, portanto, que até agora temas da gestão da pasta não colaram e Moro jogou todas as derrotas que teve no colo do governo Bolsonaro. Em sentido inverso, ele chamou para si os bônus de imagem pelos méritos da redução da violência, já que teve que recuar na pauta de combate à corrupção e, para não parecer derrota, transformou-se muito mais em um ministro da segurança do que em ministro da justiça.

Somado a esse movimento, no universo bolsonarista em constante ebulição, o reconhecimento de que o adversário tem mais capacidade de mobilização e mais voz ativa nas hostes conservadoras do que o Presidente fez implodir os arranjos populistas que tinham em Jair Bolsonaro o eixo de gravitação do Poder.

Se a eleição fosse hoje, Jair Bolsonaro provavelmente perderia para Moro. Há uma nova correlação de forças sendo construída, com vínculos mais estruturais e históricos com setores de Judiciário, Ministério Público, Órgãos de Cooperação Internacional e do Mercado.

Há uma inversão de papéis que agora dispensa intermediários e a popularidade de uma personalidade como a de Bolsonaro, que serviu para tirar o PT do governo, mas que, como o episódio da crise na Amazônia demonstrou, aumenta riscos e ameaça afastar fluxos de capitais estratégicos para o Brasil.

Moro virou o jogo, está com as peças brancas e determina o ritmo. Agora é Bolsonaro que joga pelo empate.

E, diante dessa mudança, no debate sobre segurança pública, a postura de muitas polícias que tinham se afastado do diálogo com outros setores da sociedade, precisará mudar. Na atual disputa Moro x Bolsonaro, segurança é a primeira das vítimas e parte de seus operadores foram enfraquecidos (não concentram o poder que imaginavam concentrar).

Versão reduzida deste texto foi publicada em 26 de janeiro de 2020 no blog Faces da Violência, da Folha de S.Paulo.

<https://facesdaviolencia.blogfolha.uol.com.br/2020/01/26/moro-vira-o-jogo-e-agora-e-bolsonaro-que-joga-pelo-empate/>

**Renato Sérgio de Lima**

Diretor-Presidente do Fórum Brasileiro de Segurança Pública

**Arthur Trindade**

Professor da Universidade de Brasília e Conselheiro do Fórum Brasileiro de Segurança Pública

---

<https://backup.forumseguranca.org.br/tema-da-semana/template-1-tema-da-semana-sash9-rm5s8>

